

As gravuras e o movimento protestante no século XIX¹

Caroline S. GUIMARÃES²

Graziele D. S. COSTA³

Janaina XAVIER⁴

Thiago S. SILVA⁵

RESUMO

Esse trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa realizada na Licenciatura em História do UNASP EC. O estudo discute o desenvolvimento e as possibilidades da técnica da gravura no século XIX, na Europa e EUA, e seu uso pela Reforma Protestante como recurso para ensinar os novos convertidos e promover o movimento. A Igreja Adventista, por sua vez, também fez uso dessas imagens em suas publicações com o apoio de uma de suas fundadoras, a escritora Ellen G. White. Em sua obra “The Great controversy between Christ and Satan” (O Grande Conflito na versão brasileira), publicada em 1888, foram inseridas 43 gravuras que serão brevemente apresentadas neste texto.

PALAVRAS-CHAVE: Gravuras; Protestantismo; Igreja Adventista; Ellen White; O Grande Conflito.

Introdução

Este texto é parte de uma pesquisa de conclusão do curso de Licenciatura em História, do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP EC). A discussão aqui proposta pretende analisar o desenvolvimento da gravura no século XIX, na Europa e nos EUA e seu uso pelo movimento protestante como instrumento de disseminação das doutrinas religiosas e o ensino dos novos convertidos.

¹ Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada Engenheiro Coelho, SP, 18 de agosto de 2016.

² Aluna do Curso de Licenciatura em História do Centro Universitário Adventista de SP (UNASP EC). E-mail: carolineguimaraes01@gmail.com

³ Aluna do Curso de Licenciatura em História do Centro Universitário Adventista de SP (UNASP EC). E-mail: graziele.dsocosta@gmail.com

⁴ Licenciada em Artes Visuais, Especialista em Patrimônio Cultural e Conservação de Artefatos, Mestre e Memória Social e Patrimônio Cultural, Mestre em Museologia, Doutoranda em Artes Visuais. Professora do Centro Universitário Adventista de SP (UNASP EC). E-mail: janaina.xavier@unasp.edu.br

⁵ Aluno do Curso de Licenciatura em História do Centro Universitário Adventista de SP (UNASP EC). E-mail: thiago.musik@hotmail.com

Para compreender esse recurso, é necessário inicialmente entender a técnica da gravura, suas origens, métodos e possibilidades. Posteriormente consideraremos a apropriação das imagens pelo movimento protestante e finalmente veremos o pensamento da escritora cristã norte americana Ellen G. White (1827-1915), uma das fundadoras do movimento adventista, sobre o assunto e como as gravuras foram inseridas em uma de suas mais importantes obras “*The Great controversy between Christ and Satan*” (O Grande Conflito na versão brasileira), publicada em 1888.

1. A gravura no século XIX

A produção de imagens por meio de gravuras é um das formas mais antigas desenvolvidas pelo homem. De acordo com Castro (2010) as técnicas de gravação difundiram-se e evoluíram muito ao longo da história. Silva (2010) acrescenta que a produção e a propagação das informações pelo mundo aconteceram de diversas formas, no entanto, a gravura foi um meio de representação e expressão artística humana que se conservou até a atualidade. Diversas ocupações contribuíram com métodos e técnicas que foram posteriormente aproveitadas pelos gravuristas:

Na antiguidade diferentes profissionais que trabalharam com metais deixaram neles o sinal de sua presença: os fundidores, os fabricantes de ferramentas, os armeiros, [...] ourives. Vários instrumentos e técnicas de trabalho desenvolvidas por estes artesãos viriam a ser utilizados pelos gravadores (COSTELA, 2006, p. 78).

Foi através da imprensa e da ourivesaria que houve a possibilidade de desenvolver as técnicas da xilogravura e da calcografia. Estas são métodos de gravação, cujas matrizes são compostas de uma chapa de madeira ou metal (cobre, aço, zinco ou alumínio) respectivamente, com desenhos rebaixados que recebem a tinta e o transferem para o papel no momento da impressão (COSTELA, 2006). Em geral, produzem-se imagens em uma única cor, predominando o preto.

Nesse processo as depressões nos suportes podem ser produzidas por meios mecânicos ou químicos. Dentre as ferramentas mecânicas utilizadas temos o buril ou a

ponta seca e a maneira negra. O buril, também conhecido como talho-doce, é um instrumento que pode trabalhar tanto na madeira como no metal. O uso do buril é empregado desde o século XV e é manejado como um lápis, fazendo inscrições suaves no suporte.

Outra técnica mecânica é a maneira negra que também gera o desgaste da base com uma lâmina com pontas afiadas. Já a gravação por corrosão química na placa de metal utiliza ácidos para rebaixar a chapa e produzir o relevo, dando origem ao desenho. Essas técnicas de gravação foram amplamente empregadas e chegaram até a contemporaneidade.

De acordo com Castro (2010) a gravura artística começou na Europa, por iniciativa do pintor e gravador Albert Dürer (1471-1528) que se sobressaiu usando técnicas de entalhe a buril, assim como líquidos corrosivos, tornando difícil achar outro artista que trabalhasse com tamanha eficiência. Hoje ele é conhecido como um dos maiores gravadores que já existiu.

A partir de 1850, as técnicas de xilogravura e calcografia passaram a ser muito praticadas entre os artistas plásticos por permitirem a reprodução de um grande número de cópias, tornando mais acessíveis as peças. Rembrandt, Francisco de Goya, Toulouse Lautrec, Edvard Munch, Juan Miró e Pablo Picasso são exemplos de artistas que fizeram uso da gravura (COSTELA, 2006).

As gravuras eram utilizadas como ilustração em livros e serviam de crítica social e política nos periódicos durante o século XIX:

Na França era inevitável que muitos pintores se interessassem pela técnica de gravura e alguns a utilizaram para dar maior visibilidade as suas obras pela facilidade de distribuição e pelo preço mais em conta das gravuras [...] Honoré Daumier [...] colaborava produzindo charges para revistas e jornais da época [...] Dedicou-se a crítica social e política [...] publicou séries satíricas sobre os principais membros da sociedade e criou uma estética do grotesco, com fortes cores e que perdurou durante muito tempo. Obviamente que não era um dos artistas mais queridos pela crítica, mas era adorado pelo público (CASTRO, 2010, p. 206).

Também houve outros temas de destaque para a gravação. As paisagens passaram a ser estudadas pelos gravuristas e exploradas em vários aspectos e possibilidades. Essa propagação ocorreu na transição do século XVIII para o XIX. Para Castro (2010) no século XIX, as inovações nas técnicas da gravura, permitiram as pessoas admirarem paisagens e lugares distantes que antes não conheciam.

Percebemos então o quanto as gravuras se tornaram importantes no século XIX. Nesse período a maioria da população era analfabeta, sendo assim, o conhecimento visual era necessário principalmente para promoção política e a publicidade comercial. De acordo com Castro (2010) com a Revolução Industrial, as gravuras passaram a se vulgarizar:

A gravura passou por uma verdadeira revolução técnica e de temáticas, graças em grande parte à Revolução Industrial e em especial à litografia [gravura com a matriz em pedra], que permitia maiores tiragens e modificaram a estética, o público e as características das gravuras. [...] Isso permitiu que a gravura se tornasse muito mais acessível, facilitando sua aquisição por um maior número de pessoas, assim surgiu [...] um colecionismo de estampas ou de gravuras que era elitista e aristocrático, um século antes (CASTRO, 2010, p. 208) [nota do autor].

Desde então, a gravura passou a ser largamente empregada em cartazes, ilustrações de livros, jornais, etc., tendo grande aceitação por parte das pessoas ávidas em consumir imagens. Um grande exemplo foi o francês Gustave Doré (1832-1883) que se tornou um dos mais populares e conhecidos gravadores do século XIX, ilustrando grandes obras de literatura como a Bíblia e A Divina Comédia, entre outras.

2. Protestantismo e imagens

Desde o início a gravura esteve associada às edições e traduções da Bíblia e textos religiosos em latim ou nas línguas vernáculas. Encadernações simples ou luxuosas eram produzidas dos textos sagrados com imagens dos santos, do céu, do inferno, das indulgências, etc. Figuras volantes também eram adquiridas pelos fiéis em

substituição às esculturas para serem expostas nos lares como proteção ou imagens votivas. Essas peças eram também levadas em procissões ou celebrações religiosas estimulando a piedade (GALLI, 2011).

Assim sendo, o movimento religioso protestante também foi adepto do uso de gravuras, mas sob o viés ideológico e pedagógico, apresentando representações humanas e evitando referências à imagem de Deus. Os protestantes e revoltosos utilizaram a gravura, por exemplo, para acusar os abusos da Igreja Católica durante a Inquisição. Na Espanha, nos séculos XV e XVI foram publicados panfletos e livros denunciando as práticas bárbaras de torturas praticadas nas colônias e contra os judeus. Durante a Reforma, as doutrinas religiosas pregadas por Martinho Lutero também eram difundidas com o auxílio das gravuras:

O jovem gravador Lucas Cranach (1472-1553) [...] teve sua atividade reconhecida em grande parte por ele ser muito amigo de Martinho Lutero, sendo assim, suas gravuras deram importante contribuição à difusão de sua ideologia, o que tornou a gravura um instrumento de uso político (CASTRO, 2010, p. 196).

Uma das gravuras mais empregadas pelos protestantes ficou conhecida como “O quadro dos dois caminhos”, desenhada na Alemanha, em 1862, a pedido de uma senhora luterana pietista chamada Charlotte Reihlen. O desenho foi pintado por Paul Beckmann e, posteriormente, foram reproduzidas na Holanda dez mil cópias utilizando a litografia (gravura com a matriz em pedra). Em 1883, uma versão foi impressa em Londres, sendo utilizada como recurso missionário durante décadas em muitos países, chegando inclusive ao Brasil (CAMPOS, 2014).

A imagem reproduz a doutrina da salvação apresentada por Jesus no Sermão do Monte. Do lado esquerdo está o caminho largo, representado por uma rua urbana pavimentada onde se encontram atrativos mundanos, tais como, o salão de baile e o cassino. Ao final dele um fogo destruidor representa o inferno. Nesse caminho muitas pessoas bem vestidas transitam tranquilas, apesar da indicação da placa que avisa “morte e condenação”. Do lado direito está o caminho estreito representado por um ambiente rural, onde se encontram logo à entrada Cristo na cruz, uma edificação da

escola dominical e outras instituições pietistas ao longo da jornada. Após uma estrada sinuosa, estreita e íngreme, o fiel finalmente alcança o Céu, representado por uma cidade iluminada. Este caminho é identificado como “vida e salvação” e um número reduzido de pessoas o escolhem e são retratadas de forma humilde. Toda a imagem faz referências a citações bíblicas.

Morgan (1999) destaca o crescente uso de imagens nos livros protestantes no século XIX, nos Estados Unidos. Segundo o autor, o propósito dessas ilustrações era: “[...] *to persuade anyone reading the text and looking at the imagery to support the cause of evangelism by taking to heart its message of repentance*”⁶, e também, “*to sell the product, to attract readers, and to preach the cause in a visual manner*”⁷. As gravuras “*attracted the eye to the tract and then awakened an interest in reading it*”⁸ (MORGAN, 1999, p. 51).

Morgan (1999) ressalta também, que a cultura visual foi usada pelos protestantes especialmente para ensinar os não convertidos e as crianças: “[...] *filling their memories with information about salvation [...] images were used to nurture in addition to instruct, to monitor and shape behavior, to praise God*”⁹, e também, “*even to direct the prayers and pious meditations of Protestants*”¹⁰. Os professores protestantes contribuíram para “[...] *to form the character of children and youth*”¹¹. Contudo, as imagens foram fundamentais ainda para “[...] *enjoy a special place in the instruction and entertainment of the young*”¹² (MORGAN, 1990, p. 10).

Percebemos, portanto, o papel das gravuras como um material que atendia diferentes propósitos, permitia a evangelização através da cultura de massa, aumentando consideravelmente o número de adeptos; financiava os esforços missionários por meio da venda dessas publicações; influenciava o pensamento dos convertidos trazendo lições

⁶ “Persuadir quem lesse o texto e olhasse as imagens a apoiar a causa da evangelização, levando a sério sua mensagem de arrependimento”. (Tradução nossa)

⁷ “Vender o produto, para atrair leitores, e pregar a causa de uma maneira visual”. (Tradução nossa)

⁸ “Atraíam os olhos para o livro e, em seguida, despertavam o interesse em lê-lo”. (Tradução nossa)

⁹ “[...] enchendo sua memória com informações sobre salvação [...] imagens que costumavam ser usadas para tortura além de instruir, monitorar e moldar o comportamento para adorar a Deus”. (Tradução nossa)

¹⁰ “até mesmo para dirigir as orações e meditações piedosas dos protestantes”. (Tradução nossa)

¹¹ “[...] formar o caráter das crianças e dos jovens”. (Tradução nossa)

¹² “[...] desfrutar de um lugar especial na instrução e entretenimento dos jovens”. (Tradução nossa)

de comportamento e iluminação espiritual e na falta do líder religioso, a presença dessas gravuras nos lares era um constante reforço às práticas e condutas religiosas, mantendo vívida na lembrança do crente o destino da humanidade – salvação ou perdição.

3. Ellen White e as imagens

A escritora cristã Ellen G. White nasceu em 1826 em Gorham, Maine, EUA, filha do casal Roberto e Eunice Harmon. Desde a infância, sua vida foi caracterizada por eventos marcantes. Com nove anos de idade, saindo da escola e dirigindo-se para sua casa juntamente com sua irmã gêmea Elizabeth, ela foi atingida no rosto por uma pedra.

Durante três semanas, ela permaneceu em estado de insensibilidade, além de ter emagrecido muito, levando a família temer sua morte. Os resultados desse acidente impediram-na de prosseguir seus estudos, recebendo instruções em casa de sua mãe. Devido sua fragilidade após o acidente, muito diziam que Ellen não viveria muito tempo (HOSOKAWA, 2001).

Oficialmente, Ellen começou sua jornada cristã aos 12 anos de idade ao se batizar na Igreja Metodista, seguida por seus pais. Contudo, em 1840, a família teve contato com o movimento milerita e começou a participar das reuniões dirigidas por William Miller. A mensagem de Miller anunciava o segundo advento de Cristo em 1843 (depois em 1844) e toda a família de Ellen aderiu ao movimento, desligando-se da Igreja Metodista.

Dado o grande desapontamento em 1844 ocasionado pelo não cumprimento das profecias de Miller, muitos cristãos abandonaram a fé na mensagem, enquanto Ellen, juntamente com parte do grupo, buscou entender o que havia ocorrido de fato. Segundo a Igreja Adventista, aos 17 anos de idade, enquanto orava com alguns amigos, ela recebeu sua primeira visão lançando uma nova compreensão sobre as profecias bíblicas.

Em 1846, Ellen casou-se com James White passando a chamar-se Ellen Gould White. Seu esposo era editor, escritor, pregador e impressor e passou a publicar suas obras, procurando mostrar a harmonia existente entre as revelações de sua esposa e a Bíblia. Ellen foi uma das fundadoras da Igreja Adventista do Sétimo Dia, pregando

sobre a Segunda Vinda de Jesus. É vista pela Igreja Adventista como sendo uma profetisa. Durante toda a sua vida, escreveu mais de cinco mil artigos, 49 livros e teve mais de dois mil sonhos e visões. Os temas de seus escritos versam sobre educação, alimentação, saúde, família, profecias bíblicas, cartas dirigidas aos membros e situações em especial, dentre outros, no entanto:

Os fundadores da Igreja desenvolveram suas crenças fundamentais através da pesquisa bíblica; não receberam tais doutrinas das visões de EGW. Seu principal papel durante o desenvolvimento das doutrinas da Igreja foi orientar a compreensão bíblica e confirmar as conclusões às quais se chegava através do estudo da Bíblia (HOSOKAWA, 2001, p. 44).

Entre as orientações e conselhos deixados por Ellen White, encontramos recomendações quanto ao uso de imagens com o propósito de tornar mais claro o ensino. Sobre as metodologias de ensino, ela aconselha: “O professor deve constantemente ter como objetivo a simplicidade e a eficiência. Deve amplamente ensinar por meio de ilustrações e mesmo tratando com alunos mais velhos, cumpre ter o cuidado de tornar claras e evidentes todas às explicações” (WHITE, 1997a, p. 233).

Em uma carta escrita ao irmão Franke, em 1902, Ellen G. White afirmou:

Dedicastes muito estudo ao assunto de como tornar interessante a verdade, e os quadros que fizestes estão em perfeita conformidade com o trabalho que precisa ser feito. Esses quadros são, para as pessoas, lições objetivas. Pusestes vigor de pensamento na obra de produzir estas notáveis ilustrações. E elas exercem efeito notável ao serem apresentadas ao público em reivindicação da verdade. Usa-as o Senhor para impressionar as mentes. Fui instruída clara e nitidamente quanto a deverem usar-se quadros na apresentação da verdade. E essas ilustrações devem tornar-se ainda mais impressionáveis por meio das palavras que mostram a importância da obediência (WHITE, 1997b, p. 203).

Sobre o irmão Simpson, White comentou: “Possui ele, figuras grandes com aspecto realístico dos animais e símbolos de Daniel e do Apocalipse, e estes são postos à frente no momento oportuno para ilustrar os seus comentários” (WHITE, 1997b, p. 205).

Ao aconselhar os pais e professores, Ellen White falou da importância de diferentes metodologias incluindo imagens para ensinar. Destacou também o uso desses recursos na pregação da mensagem bíblica:

O uso de comparações, quadros-negros, mapas e gravuras, serão de auxílio na explicação destas lições e da fixação das mesmas na memória. Pais e professores devem constantemente procurar métodos aperfeiçoados (WHITE, 2005, p.194).

Mediante o uso de quadros, símbolos e figuras de várias espécies, pode o ministro fazer a verdade ressaltar com clareza e nitidez (WHITE, 1997b, p. 206).

Através destes textos percebemos o grande interesse de Ellen White pelas imagens com fins pedagógicos. A seguir veremos que ela não somente aprovou o uso de gravuras na pregação e no ensino como também sua aplicação na literatura impressa.

4. As gravuras no livro O Grande Conflito

O livro “The great controversy between Christ and Satan” (O Grande Conflito), da autora Ellen G. White, publicado pela Pacific Press, na Califórnia, Estados Unidos, em 1888, possui 704 páginas, divididas em 42 capítulos, recebeu 43 gravuras, que segundo o prefácio da edição tinham o objetivo de conferir valor à obra. De acordo com os adventistas, o livro foi escrito por White a partir de visões recebidas por ela em março de 1858, onde ela contemplou o conflito existente entre o bem e o mal e seus desdobramentos na história humana.

O livro descreve os acontecimentos mundiais começando nos dias de Cristo, percorrendo os períodos históricos, culminando com as profecias apocalípticas em uma visão escatológica. Segundo a autora, o livro expõe eventos do passado, do presente e do futuro. Era sua obra mais apreciada e que ela desejava que fosse intensamente distribuída. Até os dias atuais é uma das publicações mais divulgadas pela Igreja Adventista. Recentemente, em 2013, 70 milhões de cópias em versão resumida foram distribuídas gratuitamente somente na América Latina.

Por se tratar de uma leitura extensa, as gravuras dessa primeira edição se apresentam como um descanso para o leitor e uma ilustração dos assuntos abordados, fixando os temas e impressionando a mente. Do conjunto, 21 gravuras apresentam a identificação do artista e destas o artista Karl Jauslin (1842-1904) e o gravador Adolf Völlmy, ambos suíços, possuem o maior número, com cinco imagens. Isso indica que a Igreja Adventista não produzia essas figuras, ela as adquiria de acordo com seu interesse. Algumas delas possuem o *copyright* da Pacific Press, a editora da Igreja.

As gravuras são ricas em detalhes, com uma expressiva quantidade de informações, exigindo do leitor uma contemplação demorada e significativa. Em geral, ocupam o espaço de toda uma página (14 x 21 cm). São gravuras dentro da estética do realismo, que exploram a composição do desenho segundo as regras acadêmicas da perspectiva com vários planos que se esmaecem ou diminuem à medida que se afastam da cena principal. Predominam zonas de luz e sombra, equilíbrio na distribuição dos elementos compositivos, expressões faciais serenas, contemplativas e nobres, gestos contidos mesmo quando representam o sofrimento. A maior parte do conjunto exhibe cenas que remetem a Idade Média em ambientes internos luxuosos ou cenas urbanas de rua, onde a arquitetura é bastante detalhada com a presença de colunas, cortinas, janelas, mobiliários, quadros nas paredes, etc. Nas cenas há homens, mulheres e crianças do povo, da nobreza e da igreja, em grande parte bem vestidos. Podemos classificar as gravuras em grupos por temáticas:

a) Cenas Bíblicas e da Igreja Cristã Primitiva: Nesse grupo temos onze gravuras que remetem aos acontecimentos narrados no Antigo e Novo Testamento e também ao período da Igreja Cristã Primitiva, destacando a fé e a perseguição dos primeiros cristãos e os valdenses (TABELA 1):

TABELA 1: Cenas Bíblicas e da Igreja Cristã Primitiva

Pág.	Título	Autor
01	Jerusalém, desde o Monte das Oliveiras	Pacific Press
17	O incêndio do Templo	
24	O templo e os seus tribunais	Battle Creek
39	Martírio dos primeiros cristãos	

40	Cristãos adorando nas catacumbas	Müller X. A.
70	Missionários Valdenses	Adolf Völlmy e Karl Jauslin
78	Passagem para Del Toro no vale Valdense	
344	A decepção dos discípulos	E. Cooner S.
420	O Dia da Expição	
514	Cristo curando o endemoninhado	Pacific Press

Fonte: WHITE,1888. Dados organizados pelos autores.

b) Igreja Católica: Nesse conjunto temos cinco gravuras que mostram a riqueza e o poder da Igreja Católica representados pela arquitetura das Igrejas de São Pedro, de São João de Latrão e uma imagem que mostra outras cinco edificações católicas. O domínio e autoridade da Igreja também são retratados nas gravuras da Penitência de Henrique IV e na proclamação do dogma da infalibilidade (TABELA 2):

TABELA 2: Igreja Católica

Pág.	Título	Autor
49	Igreja de São Pedro, em Roma	
58	Penitência de Henrique IV, Canossa	Karl Jauslin
563	Proclamando o dogma da infalibilidade papal em Roma	Pacific Press
566	Interior da Igreja de São João de Latrão	
572	Igrejas católicas e escolas	M. Haider

Fonte: WHITE,1888. Dados organizados pelos autores.

c) Cenas da Reforma Protestante: Esse é o maior grupo com 17 imagens que apresentam os reformadores em diferentes situações que envolveram a Reforma Protestante, destacando seus principais personagens, a pregação da mensagem, os tribunais católicos de inquisição e as torturas sofridas pelos protestantes (TABELA 3):

TABELA 3: Cenas da Reforma Protestante

Pág.	Título	Autor
79	Wycliffe, Huss, Jerônimo, Zwinglio, Oecolampadius	
88	Wycliffe e os frades	Haider
96	A Igreja de Lutterworth	
106	Huss na prisão	

114	Jerônimo no martírio	
120	Lutero, Calvino, Parel, Melanchton, Frederico da Saxônia	M. Haider
130	O protesto de Lutero contra as indulgências	Karl Jauslin e Müller X. A.
156	Lutero perante a Dieta	Pacific Press
170	Vista de Worms	
171	Reformadores suíços pregando no campo	
184	Vista de Zurique	
185	Lutero em Wartburg	
202	Leitura do protesto na Dieta de Spires	Adolf Völlmy e Karl Jauslin
228	Francisco I como penitente	A . F. Mathews e Orell Fussli
245	Tyndale, Knox, Latimer, Ridley, Wishart, Cranmer	M. Haider
256	Wesley, Baxter, Bunyan, Miller, Wiiiitefield	
580	Diante dos inquisidores	M. Haider

Fonte: WHITE,1888. Dados organizados pelos autores.

d) Revolução Francesa: Nesse conjunto temos quatro cenas que representam acontecimentos históricos ocorridos durante a Revolução na França entre os anos de 1789 a 1799. As circunstâncias que ocasionaram Revolução são apresentadas pela autora como uma consequência do mundo ter abandonado os ensinamentos da Bíblia e se voltado para a razão (TABELA 4):

TABELA 4: Revolução Francesa

Pág.	Título	Autor
266	Papa Pio VI detido em 1798	
272	O massacre de São Bartolomeu	
276	A Deusa da Razão	
282	Cena de Rua na Revolução Francesa	Karl Jauslin

Fonte: WHITE,1888. Dados organizados pelos autores.

e) As Missões Protestantes: Nesse grupo temos apenas duas gravuras que destacam a atuação dos protestantes na disseminação da mensagem bíblica, destacando o papel de missionários como José Wolff e também as crianças que pregavam para grupos de pessoas nas casas (TABELA 5):

TABELA 5: As Missões Protestantes

Pág.	Título	Autor
360	José Wolff entre os árabes	James Webb
366	Crianças pregando na Suécia	

Fonte: WHITE,1888. Dados organizados pelos autores.

f) Cenas e quadros proféticos do fim do mundo: Neste último conjunto temos cinco imagens que remetem aos acontecimentos futuros profetizados pela Bíblia nos livros de Daniel e Apocalipse. São cenas escatológicas que mostram o destino final desse mundo e a sua restauração depois da volta de Jesus (TABELA 6):

TABELA 6: Cenas e quadros proféticos do fim do mundo

Pág.	Título	Autor
306	Os sinais da sua volta	
328	Diagrama das 70 semanas e os 2300 dias	
590	Elementos de destruição	
636	O grande terremoto	Waireaser
676	O domínio restaurado	E. Cooper Sc

Fonte: WHITE,1888. Dados organizados pelos autores.

Considerações Finais

Chegamos ao final dessa discussão compreendendo que no século XIX houve um expressivo aumento no que diz respeito ao uso das imagens como ilustração. Os avanços técnicos nessa área contribuíram para a disseminação das imagens, principalmente das gravuras, possibilitando o acesso das pessoas a tais figuras. As gravuras também tiveram uma contribuição significativa para disseminar ideologias tanto sociais e políticas quanto religiosas, visto que a maioria da população era iletrada.

Ellen White destacou a importância da utilização de imagens como um meio de evangelização, e também, como uma apropriada metodologia para ensinar, sendo uma ferramenta eficaz para instruir principalmente as crianças. Porém, diferentemente das gravuras utilizadas pela Igreja Católica e pelo movimento protestante em geral, as gravuras no livro “The great controversy between Christ and Satan”, edição 1888, de

Ellen G. White, não têm por objetivo se tornar relíquias sagradas e nem impressionar o leitor a uma vida piedosa por meio do temor do destino final dos maus. As imagens não são apelativas as emoções e sim a razão, elas dialogam com o texto como um artifício para convencer o leitor e ampliar sua compreensão dos assuntos abordados.

As gravuras existentes no livro auxiliam no entendimento do texto, exemplificando a interpretação bíblica e a doutrina da Igreja Adventista, trazem também conhecimentos históricos, apresentando cenas de lugares e episódios marcantes da história mundial e o retrato de personalidades importantes. Dado que a obra analisada trata de assuntos do passado, presente e futuro, as gravuras ajudam o leitor a uma melhor compreensão dos temas abordados, sendo um importante recurso pedagógico empregado no livro, além de seu grande valor estético como obras artísticas.

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os “Dois Caminhos”: Observações sobre uma gravura protestante. In: **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 34, p. 339-381, abr./jun. 2014.

CASTRO, Adriano Luiz Ramos de. **Cidade gravada**: uma geografia do imprevisto. Salvador, 2010. 263f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) Escola de Belas Artes da UFBA, Salvador, 2010.

COSTELLA, Antônio F. **Introdução à gravura e à sua história**. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2006.

GALLI, Flávia. **A construção da imagem visual da América**: gravuras do século XV e XVI, Campinas, 2011. 313f. Tese (Tese de doutorado em História Cultural). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

HOSOKAWA, Elder. **Da colina, Rumo ao mar**: Colégio Adventista Brasileiro de Santo Amaro 1915-1947. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MORGAN, David. **Protestants and Pictures**: Religion, Visual Culture, and the Age of American Mass Production. New York: Oxford University Press, 1999.

SILVA, Frederico Fernando Souza. GRAVURA: Suporte para a expansão dos meios de comunicação, mercado e consumo. **Revista Científica do Departamento de**

Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Ano XIX - Nº 7, Janeiro/Dezembro de 2010.

WHITE, Ellen G. **Educação**. Tatuí SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997a.

WHITE, Ellen G. **Evangelismo**. Tatuí SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997b.

WHITE, Ellen G. **The great controversy between Christ and Satan**. Washington: Review and Herald, 1888.

WHITE, Ellen G. **Mente, Caráter e Personalidade**: Guia para a saúde e espiritual. 5ª ed. Tatuí SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.